

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO OESTE – UNICENTRO
UAB – UNIVERSIDADE ABERTA BRASIL
COOPERATIVISMO SOLIDÁRIO E CRÉDITO RURAL - 2014**

Autor: Ivan Massao Kimura

Acadêmico do Curso Cooperativismo de Crédito Rural. UNICENTRO. 2016.

E-mail: ivan.candidodeabreu@cresol.com.br

Orientador: Prof. Arildo Ferreira

Mestre em Desenvolvimento Econômico – UFPR

arildo@unicentro.br

SUCCESSÃO NA AGRICULTURA FAMILIAR

RESUMO

Ao passar dos anos diminui cada vez mais a população rural e aumenta a população urbana. Jovens diferentemente de anos atrás, onde, estes procuravam seguir o estilo de vida de seus pais procurando manter o plantio das mesmas culturas ou a criação dos mesmos tipos de animais, hoje, buscam novas vidas urbanas, onde procuram viver como funcionários de empresas ou fábricas, ou ainda, procuram abrir algum negócio próprio. Seria a dificuldade da vida rural, onde claramente fica mais difícil a locomoção, o estudo, entre outros fatos como acesso a médicos, hospitais, farmácias, etc. O aumento considerável dos grandes produtores rurais, tanto na agricultura, como na pecuária, deixando ainda mais difícil a vida dos pequenos produtores familiares. O projeto em questão visa mostrar os principais fatores que levam o pequeno produtor sair de suas propriedades familiares para morar e trabalhar nos centros urbanos. Foram distribuídos para cinco produtores familiares nos meses de maio e junho de 2016 questionários para identificar a história e como ao passar do tempo as famílias foram se desenvolvendo. As conclusões foram que a sucessão da agricultura familiar é um grande problema mundial e que a cada dia aumenta a população urbana, diminuindo e envelhecendo a população rural.

Palavras-chaves: Sucessão - Agricultura - Familiar - Conscientização - Problema.

ABSTRACT

Over the years decreases increasingly the rural population and the urban population increases. Young unlike years ago, where they tried to follow the lifestyle of their parents trying to keep planting the same crops or creating the same types of animals today, seeking new urban lives where they try to live as employees of companies or factories or, looking to open a business of their own. It would be the difficulty of rural life, which clearly is more difficult locomotion, the study, among other facts such as access to doctors, hospitals, pharmacies, etc. The considerable increase of the big

farmers, both in agriculture and livestock, making even more difficult the lives of small family farmers. The project in question aims to show the main factors driving small farmers out of their family property to live and work in urban centers. They were distributed to five family producers in the months of May and June 2016 surveys to identify the history and how the passage of time families were developed. The conclusions were that the succession of family farming is a major global problem and that every day increases the urban population declining and aging rural population.

Keywords: Succession - Agriculture - Family - Awareness - Problem

1. INTRODUÇÃO

Ao passar dos anos diminui o interesse dos jovens em permanecer na área rural principalmente para continuar as atividades que são exercidas pela suas famílias. Diante do contexto quais serão os motivos principais desse desinteresse? Seria falta de incentivos governamentais, com projetos, incentivos financeiros, ou aumento de qualidade de vida na área rural ou existem outros motivos desconhecidos? Sendo assim o projeto pretende descrever os fatores principais desse problema que diminui e envelhece a população rural atual.

A sucessão da agricultura familiar seria uma das armas para cada vez mais as culturas rurais, tão importantes na vida de todos, fosse crescendo. Quanto mais jovens filhos de produtores rurais ficassem na sucessão das culturas familiares, cada vez mais cresceria a produção dos mais variados produtos, culturas e criações. Se tivessem além de incentivos dos próprios familiares para a sucessão, mas também, mais incentivos do governo, com certeza, iríamos ter um grande aumento desses, seguindo seus familiares. Porém a vida urbana se mostra cada vez mais atraentes, fazendo com que esses jovens, acabem migrando para cidades onde as vezes, não se passa de uma ilusão a qualidade de vida que as mesmas oferecem.

Porém esses fatos que citamos, historicamente só vem crescendo, ou seja, aumenta cada vez mais o êxodo rural, fazendo com que se torne uma pauta importante para discussões do futuro agrícola do mundo em que vivemos.

Através de pesquisas com agricultores da região de Cândido de Abreu, Boa Ventura de São Roque e Reserva, os resultados demonstram como vieram trabalhar nessas regiões, e como estão suas famílias, se ainda trabalham na agricultura ou aos poucos estão debandando para cidades em busca de empregos ou de outras realidades totalmente diferentes da qual seus pais viveram na maior parte de suas vidas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Sucessão Rural

A sucessão da agricultura familiar vem se tornando uma grande discussão atual, a agricultura familiar vem perdendo dia após dia sua juventude para as áreas urbanas. Além da grande perda com o envelhecimento do agricultor rural, também

existe o problema do inchaço das cidades, onde com as grandes populações, diminuem a demanda de empregos e aumentam as pessoas desempregadas.

Existem alguns motivos claros que deixam esse problema presente nos dias atuais, um deles é dentro das próprias famílias rurais, onde desde sempre tratam o serviço rural como sendo um serviço secundário, pouco favorecido ou pouco remunerado. A comunidade e os próprios agricultores menosprezam os serviços agrícolas. Segundo Lodi (1987, p. 67):

Uma centena de estudos sustenta a tese de que as sementes da destruição das empresas familiares restam dentro do próprio fundador e da família, ou que a sobrevivência da empresa está na capacidade da família de administrar suas relações com a empresa e evitar as forças centrífugas nas fases da sucessão. Os problemas na sucessão também podem estar ligados à falta de preparo dos sucessores para lidar com a nova situação social, confundindo a sucessão da empresa familiar, entre as quais se incluem as propriedades rurais, com herança.

Vendo que a sucessão começa dentro de casa na própria família. Onde se desde pequeno escutar coisas boas sobre agricultura, provavelmente, terá além de vontade, amor pela atividade agrícola, continuando a trabalhar nas terras familiares.

Conforme Lodi (1987, p. 87), a sucessão em uma empresa familiar começa muitos anos antes quando os filhos ainda são pequenos, ou seja, a sucessão deve ser conduzida com muita habilidade pelo patriarca enquanto ainda detém o poder e está em plena saúde mental e física.

Outro motivo claro quanto a não sucessão da agricultura familiar é o fato dos poucos incentivos rurais com infraestrutura em relação a estradas, saúde e planos governamentais a pequenos agricultores. O jovem agricultor não vê atração em trabalhar nessas regiões onde encontram várias dificuldades no seu dia-a-dia, fazendo com que acreditem que vivendo em áreas urbanas a vida seja mais fácil. Segundo Abdalaziz de Moura Xavier de Moraes (2011):

Para mudar essa situação, a concentração dos esforços está em descobrir outro campo e outra maneira de olhar para ele. É tarefa dos movimentos sociais do meio rural, da escola, da universidade, de instituições envolvidas e, sobretudo, dos próprios jovens que moram e trabalham lá. É imprescindível o papel de uma legítima educação e uma assistência técnica que visualize a descoberta de um campo belo, agradável, saudável, sustentável, impregnado de cultura e pleno de vida

2.2. Propriedades rurais e agronegócio

A competitividade empresarial pressupõe que as organizações, no seu ambiente competitivo, utilizarão todas as ferramentas possíveis de gestão, para tornarem suas atividades mais eficientes em relação aos seus concorrentes, isto é

inovando continuamente seus processos, produtos e serviços. Para Kotler (2006), uma explicação provável para empresas que conseguem se destacar em mercados altamente competitivos, advém de fazer as coisas de modo diferente do que é feito pela maioria. Na administração rural, os níveis de competição e busca por eficiência, não se diferem em nada das condições de outros segmentos, porém na parte da gestão, as empresas rurais, em função de aspectos sanitários, pois normalmente produzem produtos para consumo humano, precisam realizar outras atividades que as tornam peculiares no modo de gestão.

A empresa rural tem atraído a atenção de políticas governamentais por vários aspectos, entre eles: as atividades relacionadas à atividade rural, são responsáveis pela disposição de produtos destinados ao abastecimento alimentar; a atividade rural é responsável pela geração de desenvolvimento e crescimento da economia; as atividades de agronegócio são responsáveis pela geração de empregos tanto na cidade quanto no campo, para exemplificar essa importância, o Portal Avança Brasil (2015), aponta que aproximadamente 37% dos postos de trabalho no Brasil estão relacionados ao agronegócio, ou seja, um a cada três brasileiros empregados formalmente, estão envolvidos no agronegócio; o Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio representa cerca de 25% do PIB total do país, ultrapassando um trilhão de reais; constantes superávits na balança comercial brasileira, no mês de janeiro de 2015, o agronegócio gerou um superávit de mais de US\$ 4 bilhões.

Em relação ao tamanho das propriedades, dividem-se em Minifúndio, Pequena Propriedade, Média Propriedade e Grande Propriedade. Segundo Eduardo Frigoletto de Meneses:

A noção de grande, de média e de pequena propriedade não é, porém, numérica, estatística, não se podendo estabelecer pelo número de hectares se uma propriedade é grande ou pequena. Em áreas pouco povoadas ou de condições climáticas e edáficas desfavoráveis – Amazônia, Nordeste semi-árido do Brasil, por exemplo -, a propriedade pode ter centenas ou milhares de hectares e não possuir condições de sustentar, em níveis de vida razoáveis, uma família, enquanto que, em zonas onde há irrigação e onde a proximidade dos centros consumidores de produto de alto preço permite o desenvolvimento de uma rendosa agricultura de legumes e frutas, esta mesma propriedade seria considerada grande.

Segundo o site do Incra o tamanho das áreas rurais dividem-se em relação ao tamanho da área, os imóveis rurais são classificados em:

1. **Minifúndio** – é o imóvel rural com área inferior a 1 (um) módulo fiscal;
2. **Pequena Propriedade** - o imóvel de área compreendida entre 1 (um) e 4 (quatro) módulos fiscais;
3. **Média Propriedade** - o imóvel rural de área superior a 4 (quatro) e até 15 (quinze) módulos fiscais;
4. **Grande Propriedade** - o imóvel rural de área superior 15 (quinze) módulos fiscais.

A classificação é definida pela Lei 8.629, de 25 de fevereiro de 1993 e leva em conta o módulo fiscal (e não apenas a metragem), que varia de acordo com cada município. Em relação a cidade de Cândido de Abre – PR, por exemplo, a metragem de um módulo fiscal é 1.510,2 km²

Os incentivos para a permanência nas áreas rurais são ainda menores que os incentivos para jovens irem estudar, morar e viver em cidades. Além da difícil locomoção com transportes e vias rurais precárias, também temos diversos outros fatores os quais jovens ficam pouco atraídos pela área rural e muito atraídos pelas áreas urbanas como, por exemplo, saúde, diversão, lazer, cultura e educação.

Para jovens que vem de uma herança geralmente de classe média, fica muito difícil ter uma esperança que irão poder melhorar significativamente de vida, pois viram desde pequenos o sofrimento de seus pais, com pouco incentivo e oportunidades.

Dizia Valmir Luiz Stropasolas (2011):

O tema sucessão geracional vem emergindo como uma das principais preocupações das entidades representativas da agricultura familiar. O questionamento por parte dos jovens rurais em relação ao futuro gira sobre sua condição social e oportunidades de renda, por outro lado, existem incentivos como a demanda na compra alimentos de qualidade, preservação ambientais, agro industrialização, turismo rural, etc.

Segundo Valter Bianchini (2013):

A geração atual de agricultores familiares discute o tema sucessão pois hoje o número de jovens de 15 a 24 anos já é inferior ao número de estabelecimentos. Falta lazer, renda, projetos de incentivos e políticas públicas, para atrair os jovens na agricultura familiar. Jovens que permanecem no meio rural são principalmente de famílias com condições econômicas melhores, propriedades próximas a cidades e com infraestrutura melhores.

Mostrando claramente que jovens oriundos de pequenas propriedades rurais passam por maiores dificuldades aumentado ainda mais suas idas para as cidades, já jovens com famílias economicamente melhores e com áreas maiores para produzir acabam tendo muito mais facilidades para obter na área rural o que pode encontrar em áreas urbanas.

Neste contexto fica claro alguns dos motivos pelos quais estão diminuindo os jovens na área rural, porém existem várias formas desse problema diminuir com incentivos governamentais, incentivos dos próprios familiares e melhora na qualidade de vida desses jovens.

2.3. Visão sobre o Agricultor

Outra visão que existe em relação a pequenos agricultores, que não precisam estudar ou ter novas técnicas para se obter êxito nesse trabalho. Sabemos que existem hoje em dia muita tecnologia e com certeza, pessoas que buscam essas, terão mais êxitos, porém, pensando na sucessão da agricultura familiar, esse é outro fator que não atrai o jovem, que busca estudar e muitas vezes em setores não relacionados a agricultura e quando faz uma faculdade na área, procura empregos em fazendas com grandes áreas ou em empresas que prestam atendimento a estas fazendas, deixando novamente para trás a pequena área familiar.

Conforme Camarano e Abramovay (1997, p.10) “O desempenho da função de agricultor é visto, ainda hoje, como antagônico a uma formação educacional que ultrapasse os quatro anos do ensino fundamental. Em outras palavras, se reconhece o ofício de agricultor como destinado àqueles em que “la cabeza no le dá para más””.

Parece que jovens que decidem trabalhar no campo, seguindo os passos de seus pais sofrem um certo preconceito em relação a trabalhar na área agrícola, parecendo que estes estão praticando uma atividade secundária.

Segundo Abdalaziz de Moura Xavier de Moraes (2011):

Na minha experiência de mais de 40 anos de vida profissional, atuando no campo com agricultores familiares, assentados, assalariados, professoras e jovens, a maior dificuldade que tenho encontrado não é nada externo a eles. Não é a falta de dinheiro, tecnologia, terra, água, trabalho e mercado que restringe a participação da juventude na agricultura familiar ou sua permanência no campo. Mas, sim, algo intangível, interno, presente na cultura do seu entorno, da família, da escola, no inconsciente coletivo da sociedade, que fica determinando o comportamento, as atitudes e as concepções dos jovens. Ao menos no Nordeste, a realidade é assim. Há um preconceito enraizado expresso em frases desse tipo: -Estuda menino, porque senão tu vais ficar no cabo da enxada feito teu pai! - Minha nora é do sítio, mas é uma menina limpa! - Fulano é do sítio, mas é um rapaz inteligente! Desconstruir e reconstruir outras concepções sobre a agricultura e o campo torna-se uma tarefa árdua. É como se tivesse de enfrentar e confrontar o que se ensina na escola, o que os pais passam para os filhos, remar contra a maré, agir contra o óbvio, a cultura, o normal, o lógico. Quem tenta recriar outras concepções fica parecendo uma pessoa romântica, corajosa, diferente, capaz de fazer frente às evidências, porém, muito idealista porque alimenta sonhos impossíveis.

2.4. O Trabalhador Jovem do Campo

Claramente os jovens ano após ano vão cada vez mais do meio rural para o meio urbano. Além de inchar as cidades, aumentando a disputa por empregos, por exemplo, diminui a produção e todas as vantagens de termos essa extensa área rural. Precisamos de incentivos para mudar esse quadro, com incentivos governamentais, de créditos específicos para jovens como o Pronaf Jovem, por exemplo, além de outros incentivos pontuais ao agricultor, fazendo assim com que a agricultura familiar seja mais atraente.

Conforme cita Virginia Toledo (2011):

Em 2000, o Brasil contava com 6.134.639 de jovens no campo, o que representava 18% do total do número de pessoas residentes no meio rural. Porém, o último censo, o de 2010, registrou 5.493.845 de pessoas nas mesmas localidades e na mesma faixa etária, entre 15 e 24 anos, o equivalente a 16% da população total de jovens do país. Nos últimos anos, o IBGE constatou diminuição do total de habitantes no meio rural, com taxa negativa de crescimento populacional detectada pelos últimos censos. No período de 1991 a 2000, a taxa foi negativa em 1,3% ao ano. Já no período 2000 a 2010 a taxa continuou negativa, mas com uma queda menor, de 0,65%.

Em entrevista Janete Basso Costa (2004):

A agricultura familiar de vários anos para cá, não só ela, mas a agricultura em geral, está vivendo um sério problema. O Brasil é um país essencialmente agrícola e ele tem áreas agricultáveis que nenhum outro país tem: de produção o ano todo e de produção de vários itens. Todos os itens que compõem a cesta básica hoje, do mundo inteiro, se produzem dentro do Brasil. E, infelizmente, a agricultura, de vários governos para cá não está sendo valorizada. É claro que os agricultores familiares sentem mais, porque têm um capital de manutenção daquela propriedade menor do que o do agronegócio, agricultura empresarial. Não gostamos de chamar isto de crise, mas é uma dificuldade que está se vivendo. Politicamente, economicamente, a agricultura sustentou vários planos econômicos de governo, especialmente das duas últimas gestões passadas. Então, para se colocar à mesa das famílias, especialmente urbanas, o alimento a um preço mais baixo e essas famílias terem acesso a esses alimentos, se desvalorizou a produção agrícola. Hoje, se tem uma super safra de grãos de milho, de soja, de feijão: o preço baixa e muitas vezes não cobre os custos de produção. Estes fatores levaram a uma mudança aqui na nossa região também, pela opção da fumicultura. Se deixou de produzir os alimentos básicos para produzir fumo. Ele não é um alimento. É uma droga que leva as pessoas ao vício. Isto ocorre porque existem empresas que financiam e fazem o papel que o governo deveria fazer: o papel de financiamento da propriedade, financiamento da produção.

Ainda em entrevista, perguntada se o jovem pode ser feliz no campo respondeu Janete Basso Costa (2004):

Existe uma urbanização da cultura. Isso acontece no modo de viver, de vestir, de se alimentar, a educação, tudo é bastante urbanizado e isto chegou ao campo. Os principais atingidos com isto são os jovens, porque são o alvo desta cultura, desta nova cultura que está sendo imposta. É fácil perceber as transformações sociais que aconteceram nos últimos 30, 40 anos: a questão do consumo chegou também ao campo. Hoje, chegando numa família de agricultores, se encontram as mesmas coisas que encontramos numa família da cidade. Os mesmos produtos embalados, enlatados. Produtos que existem lá no campo, mas que os agricultores vão comprar na cidade porque se criou um certo status de consumir estes produtos. Se uma família quiser consumir todos estes produtos que estão à disposição, ela não vai conseguir com os ganhos que se tem hoje. Isto acontece tanto com o trabalhador da cidade quanto com o trabalhador do campo. Então se criam os mitos. O jovem não quer mais ficar no campo porque não vê perspectivas de crescimento, de melhoria de vida, de "qualidade de vida". Se fala em qualidade de vida só levando em conta ganhos financeiros. Os outros fatores que envolvem a qualidade de vida não são levados em conta. Por isso essa fuga dos jovens do campo para a cidade. Mas está havendo um crescimento bastante grande ultimamente, por parte de alguns governos, no incentivo à agroecologia como uma saída viável, para a agricultura familiar, para a permanência do jovem no campo.

Segundo Kátia Abreu (2011):

No empreendedorismo. O jovem que vive no campo não tem educação de qualidade, lazer ou acesso à moradia. O Estado os esqueceu e a cidade se torna a única saída para quem sonha com uma vida sem tantas carências. Para que permaneçam no campo e se dediquem à atividade rural, é preciso oferecer oportunidades de crescimento pessoal e profissional que respondam às suas expectativas. Ensinar a empreender é sempre uma boa resposta para o jovem, que aspira inovar, progredir e superar as dificuldades enfrentadas pela família no dia a dia da propriedade. E isso precisa começar cedo, muito antes dos 18 anos.

Vivemos este grave problema do escoamento do jovem agricultor, como citado, existem vários fatores para tal problema. Para Carneiro (1999):

O meio rural cada vez mais se torna um espaço heterogêneo, diversificado e não exclusivamente agrícola, e a juventude rural é a faixa demográfica afetada mais dramaticamente pela dinâmica das perdas das fronteiras entre os espaços urbanos e rurais, combinando com fato do agravamento da falta de perspectivas para os que retiram sua sobrevivência da agricultura. A perda das fronteiras urbano e rural faz com que o jovem rural aspire uma condição de vida melhor nas cidades, o "moderno". O atrativo que se encontra nos centros urbanos para os jovens são muitos: melhor acesso a educação e

universidades, empregos, renda, lazer, entre outros, que no meio rural não se encontram com grande facilidade. Desta forma, pode-se dizer que as expectativas da juventude rural atualmente são diferenciadas.

Conforme Maria Elenice Anastácio (2011) “A questão da sucessão familiar acaba sendo um problema de toda a sociedade porque o esvaziamento do campo implica no inchaço urbano”.

2.5. Apoio do Governo ao Jovem Agricultor

Hoje existe uma linha do Plano Safra dirigida diretamente ao jovem agricultor que seria o Pronaf Jovem, segundo o site do BNDES, o Pronaf Jovem favorece pessoas entre 16 e 29 anos que possuam DAP (declaração de aptidão ao Pronaf) e que atendam uma ou mais das seguintes condições:

1. Tenham concluído ou estejam cursando o último ano em centros familiares rurais de formação por alternância, que atendam à legislação em vigor para instituições de ensino;
2. Tenham concluído ou estejam cursando o último ano em escolas técnicas agrícolas de nível médio ou, ainda, há mais de um ano, curso de ciências agrárias ou veterinária em instituição de ensino superior, que atendam à legislação em vigor para instituições de ensino;
3. Tenham participado de curso ou estágio de formação profissional que preencham os requisitos definidos pela Secretaria da Agricultura Familiar (SAF) do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA);
4. Tenham orientação e acompanhamento de empresa de assistência técnica e extensão rural reconhecida pela SAF/MDA e pela instituição financeira; e
5. Tenham participado de cursos de formação do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) ou do Programa Nacional de Educação no Campo (Pronacampo).

Essa linha de empréstimo tem como intuito fortalecer a agricultura familiar e a agricultura familiar jovem. Precisamos de mais incentivos nesse sentido, além de outros como uma estrutura melhor em relação as estradas, por exemplo, assim teríamos uma locomoção muito melhor, uma melhor estrutura com a saúde nas áreas rurais, para termos mais facilidades para atendimento aos agricultores.

2.6. Envelhecimento do Meio Rural

O envelhecimento do agricultor rural demonstra claramente o problema na agricultura atual, identificando um dos fatores que estamos enfrenando atualmente.

Segundo Naiara Walter Pieper (2014):

Não obstante à importância da agricultura e da pecuária familiar, o meio rural vem passando por um processo de envelhecimento, cujos indícios demonstram que não existe grande preocupação com a questão sucessória. Sabe-se que a sucessão rural ou a transferência de fato e de direito da posse e da gestão de uma propriedade rural é uma questão séria e um processo que tem vários componentes, como a transferência do patrimônio com continuação da atividade profissional dos pais que construíram aquela unidade produtiva, além da introdução de novos sistemas de gerenciamento e a substituição das gerações mais antigas na direção do negócio familiar.

Diante disso, o processo sucessório deve ser considerado como uma etapa importante e vital para sobrevivência tanto nas empresas familiares, quanto na agricultura familiar, necessitando serem tomadas medidas preventivas para que esta etapa da vida da empresa ou da propriedade rural tenha o êxito desejado, ou seja, que seja passada para a geração seguinte com sucesso. Essa transmissão da posse, do gerenciamento e da dinamização da unidade produtiva requer, cada vez mais, qualificação dos sucessores, projetos que garantam viabilidade técnico-administrativa, sua sustentabilidade e políticas públicas adequadas às reais possibilidades e necessidades desse setor produtivo, que envolve milhares de jovens.

Também existe a falta de incentivos dos próprios membros das famílias que acabam desestimulando os sucessores fazendo com que os mesmos não tenham interesse em permanecer na agricultura e nas propriedades de suas famílias. Acabam incentivando para irem morar nas áreas urbanas, falando que a vida rural não tem vantagens sobre a vida urbana deixando com que estes acabam acreditando e desde pequenos pensem em ir morar em cidades deixando suas famílias.

Para Villarinho (2007):

A sucessão é o rito de transferência de poder na gestão da empresa, em que um sucessor pode ser um herdeiro, um membro da família ou alguém sem grau de parentesco. Nesse processo algumas famílias subestimam a importância do planejamento. Entende-se que este não é puramente racional, visto que depende da comunicação entre os familiares, que pode gerar conflitos por tensões interpessoais ou não. Contudo, o diálogo entre os familiares pode oferecer insights que auxiliem nas resoluções necessárias para o planejamento sucessório e para a família rural em si.

3. METODOLOGIA

Para demonstrar como funciona a sucessão da agricultura familiar rural na prática, foi elaborado um questionário distribuído para cinco pequenos agricultores da região das cidades de Cândido de Abreu, Reserva e Boa Ventura de São Roque, todos da região central do Paraná. Agricultores estes, foram escolhidos devido a experiência na agricultura, vivendo várias gerações durante suas vidas, contando suas histórias em relação a sucessão familiar respondendo o questionário fornecido. Estes agricultores viveram desde a década de 40 até os dias atuais, cada um com uma experiência diferente.

Os questionários foram distribuídos nos meses de maio e junho de 2016 com onze perguntas, questionando desde suas chegadas a essas regiões até os dias atuais.

Questionários estes distribuídos via e-mail e através de ligações, para os agricultores selecionados. Os questionários continham as seguintes perguntas:

- Quem começou a atividade rural na família?
- Porque veio para esta cidade?
- De onde vieram os pais, avós, bisavós?
- Quantas pessoas tinham na família no começo?
- Quais foram as maiores dificuldades ao longo do tempo?
- Quantos filhos tem?
- Quantos filhos continuam trabalhando na agricultura?
- Quanto possui de terra? Como conseguiu?
- Quem trabalhou e trabalha na terra?
- O que já produziram? O que produzem hoje?
- Como está a situação hoje?

O questionário foi formalizado com a intenção de descobrir a história dessas famílias para identificarmos como foi acontecendo a sucessão familiar desde suas chegadas na região, até os dias atuais nos fazendo enxergar quais os motivos das permanências ou não do filhos dos agricultores nas propriedades familiares.

4. RESULTADOS

Considerando as respostas recebidas pelos agricultores da região nos questionários respondidos vemos que na primeira pergunta, todos tem um histórico de trabalho na agricultura desde seus bisavós e avós, demonstrando que a sucessão veio de anos até os dias de hoje.

A muitos anos vieram para a região trabalhar na agricultura local, vindo em busca de oportunidades melhores devido a poucas oportunidades nas localidades onde trabalhavam, percebendo que nessa época vieram para a região com pouco ou quase nada de bens, ficando muito difícil para começar suas atividades e

consequentemente proporcionar uma vida boa a suas famílias, fato estes demonstrados na quarta e quinta questão.

Seus antecessores vieram de variadas localidades, inclusive, em um questionário tivemos a resposta que seus bisavós vieram da Alemanha, demonstrando que a região era muito promissora. Todos tiveram muitas dificuldades no decorrer de suas vidas, fato estes demonstrando não só suas dificuldades mais as dificuldades gerais que agricultores enfrentam até hoje com incentivos do governo, locomoção das localidades onde moram, dificuldades financeiras e consequentemente fazendo com que seus sucessores fiquem ainda menos incentivados a permanecerem na agricultura buscando melhores condições de vida na cidade.

Na questão sobre quantos filhos possui e quantos permanecem na cidades obtivemos um fato bem relevante, somando os 5 entrevistados, tinham 29 filhos e desses apenas 7 continuam trabalhando na agricultura, fato este que deixa bem claro o atual problema da sucessão na agricultura familiar.

Percebemos também que nas famílias que seus filhos permaneceram trabalhando na agricultura, aumentaram ao longo do tempo suas propriedades, melhorando bastante financeiramente. Porém os que foram trabalhar nas cidades, provavelmente não possuem bens como os que ficaram nas áreas rurais, mais certamente acreditam que vivem melhor assim, trabalhando como funcionários e tendo as regalias que a área urbana oferece e a área rural não.

Em todas as famílias, as culturas ao longo do tempo foram se diversificando, mostrando que o agricultor não ficou estagnado, buscando sempre novos desafios para assim melhorar suas rendas.

Enfim vemos que ao longo dos anos, nas famílias estudadas, foram cada vez mais melhorando de vida, chegaram na região com situações difíceis, porém a sucessão no trabalho, não foi bem sucedidas, pois poucos dos filhos continuaram trabalhando na agricultura.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após análise teórica e a pesquisa com agricultores da região de Cândido de Abreu, Reserva e Boa Ventura de São Roque, na região central do Paraná, vemos o enorme problema que o tema Sucessão da Agricultura Familiar, está apresentando. Ano após ano, os filhos e netos principalmente dos pequenos agricultores estão saindo das propriedades familiares para se aventurar nas áreas urbanas, onde aparentemente traz mais oportunidades e facilidades. Desde a locomoção, diversão, saúde, estudo, mais principalmente oportunidades de empregos. Os filhos desses agricultores crescem vivenciando o dia a dia sofrido de seus pais, suas lutas diárias com suas culturas, intempéries climáticas, perda de preços dos produtos, dificuldades nas vendas, etc.

Mesmo existindo alguns incentivos para o pequeno agricultor e para o jovem agricultor, estes, ainda são muito pequenos em relação ao que as áreas urbanas oferecem. Precisávamos maior valorização para os agricultores, começando com incentivos aos jovens agricultores, assim estes, ficariam por muito mais tempo na

agricultura fazendo com que estas famílias se fortalecessem e não quisessem morar em áreas urbanas.

Em famílias como as estudadas neste artigo, que levaram muitos anos para construir um alicerce para uma melhor qualidade de vida, enfrentando muitas dificuldades ao longo dos anos, porém, infelizmente, estas estão envelhecendo, seus filhos indo estudar e conseqüentemente morar e formar novas famílias em áreas urbanas.

Um plano de ação governamental deveria ser estruturado com um incentivo desde financeiro para os jovens agricultores, custeando, investindo e valorizando mais suas produções, estruturando melhor as estradas para assim terem uma locomoção melhor, tendo programas para levar mais perto dos agricultores atendimentos médicos e acesso a medicamentos, e acima de tudo mostrar para os agricultores e jovens agricultores a importância que estes se ficarem na agricultura irão representar para nosso futuro.

Enfim precisamos atitudes e incentivos para este tema tão importante para termos num futuro próximo uma melhor qualidade de vida, com produtos saudáveis e em abundância com famílias estruturadas tanto em áreas urbanas, quanto em áreas rurais. Nesta áreas rurais em especial termos acesso as mesmas estruturas encontradas nas áreas urbanas para assim quem vive nestas localidades, continuarem suas vidas para assim termos uma bem sucedida “Sucessão da Agricultura Familiar”.

6. REFERÊNCIAS

STROPASOLAS, V. L. **Os Desafios da Sucessão Geracional na Agricultura Familiar** (2011). Disponível em aspta.org.br/wp-content/uploads/2011/08/artigo-5.pdf.

BIANCHINI, V. **Sucessão na Agricultura Familiar** (2013). Disponível em pt.slideshare.net/redejovemrural/apresentao-bianchini-mda-ok.

CAMARO E ABRAMOVAY, (p.10, citado por DOS ANJOS, CALDAS E COSTA 2006) **Êxodo Rural, Envelhecimento e Masculinização no Brasil: Panorama dos últimos cinquenta anos** (1997). In: XXI ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 1997, 20 p.

TOLEDO, Virginia. **Por falta de jovens, produtores rurais temem futuro da agricultura familiar** (2011). Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2011/09/por-falta-de-jovens-produtores-rurais-temem-futuro-da-agricultura-familiar/>.

COSTA, Janete Basso. **Agricultura Familiar, e possível ser feliz no campo** (2004). Disponível em: <http://www.mundojovem.com.br/entrevistas/edicao-348-entrevista-agricultura-familiar-e-possivel-ser-feliz-no-campo>.

Pronaf Jovem (2016). Disponível no site do BNDES:
http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Institucional/Apoio_Financeiro/Programas_e_Fundos/pronaf_jovem.html.

PIEPER, Naiara Walter. **Sucessão Rural Familiar: Desafios e Perspectivas no município de Catuípe – RS** (2014). Disponível em:
<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/2599/VF%20TC%20-%20Naiara%20Walter%20Pieper.pdf?sequence=1>

VILLARRINHO, F. (p. 20, citado por Pieper, Naiara Walter, 2014). **Uma matriz de relacionamento do impacto do processo sucessório do primeiro mandatário na implantação das estratégias empresariais: dois estudos de caso do segmento de transportes** (2007).

MORAES, Abdalaziz de Moraes Xavier de, ABREU, Kátia e ANASTÁCIO, Maria Elenice. **Sustentabilidade do Campo – Instituto Souza Cruz** (2011). Disponível em:
[http://www.institutosouzacruz.org.br/groupms/sites/ins_8bfk5y.nsf/vwPagesWebLive/D08BGJPF/\\$FILE/medMD8KCNUU.pdf?openelement](http://www.institutosouzacruz.org.br/groupms/sites/ins_8bfk5y.nsf/vwPagesWebLive/D08BGJPF/$FILE/medMD8KCNUU.pdf?openelement).

CARNEIRO, M. J. (p.7, citado por GODOY, Cristiane M. T.; PÉREZ, Flávia I. C.; WIZNIEWSKY, Jose G.; GUEDES, Ana C. e MORAES, C. dos S). **Herança e gênero entre agricultores familiares** (2001). Disponível em:
<http://www.sober.org.br/palestra/15/714.pdf>

LODI, J. B. (p.67 e 87, citado por FACCIN, Olívio P. e SCHMIDT, Carmem E. F., 2013) **Sucessão e conflito na empresa familiar**. São Paulo: Pioneira (1987).

Módulo Fiscal. Disponível em: www.incra.gov.br/tabela-modulo-fiscal.

MENESES, Eduardo F. **Classificação das propriedades rurais**. Disponível em:
<http://www.frigoletto.com.br/GeoRural/classifica.htm>